



Ilustração Anderson Brito

Livro e leitura diante do potencial da mídia televisiva

Larissa Casagrande Faller

Larissa Casagrande Faller é professora de Ensino Fundamental e Médio em São Leopoldo/RS.

Resumo

Este ensaio se propõe a questionar a veracidade do fato de a televisão prejudicar a leitura de um livro. Muito se discute afirmando que o brasileiro não lê, porém não podemos pensar em leitura citando apenas livros literários, pois ela é tudo aquilo que pode ser decodificado e interpretado por um indivíduo. A televisão, que em muitos casos aparece como vilã não tem todo esse poder, pois veremos que enquanto a leitura exercita nossa imaginação, a televisão nos informa. Assim elas possuem características diferentes.

Palavras-chave: leitura, livros, televisão.

A leitura e o livro na era digital

O hábito da leitura está correlacionado ao contato com o material impresso, o qual, durante toda a sua existência, sofreu muitas mudanças até chegar ao livro que hoje conhecemos. Gutenberg, criador da imprensa, é considerado o herói da modernidade, pois é a partir de sua invenção que surgiu a capacidade de reproduzir muitas cópias idênticas contando com a presença de uma máquina e não mais dependendo do manuscrito que era caro e cujas cópias não eram eficientes e produtivas. As cópias, por serem tiradas em grande quantidade, tinham baixo custo, o que veio a facilitar a compra do material impresso aumentando a leitura entre a população. Além disso, foi com a imprensa que se consolidou

uma idéia que apenas se insinuava nos manuscritos, a de uma obra fechada, terminada e datada.

Alguns historiadores insistem que, desde os tempos mais remotos, aproximadamente em 3200 a.C., povos como astecas, maias e incas já faziam a leitura pictórica de suas imagens. Porém, o termo leitura requer muito mais que interpretar, ele passa por um processo de decodificação de sinais e não apenas de interpretação. É muito comum ouvirmos expressões como "leitura da paisagem, da arquitetura, de uma obra de arte...", mas a leitura não deveria ser usada para esses fins, pois ler não subentende apenas interpretar, é mais que isso. A idéia de ler uma imagem pode ser entendida como metáfora, mas sem esquecer que não é nem pode ser pensada conforme uma leitura de texto. Segundo Silveira Bueno (1996, p329), ler significa "ver o que está escrito, proferindo ou não, mas conhecendo as respectivas palavras; conhecer, interpretar por meio da leitura; decifrar, interpretar o sentido de; adivinhar; predizer; explicar (...)".

Com esse conceito observamos que não se pode ler qualquer coisa, a "leitura de mundo" não pode ser tratada igualmente à de um material escrito, pois essa pode ser considerada como uma interpretação daquilo que vemos, tocamos ou sentimos, e não como uma decifração. A leitura de livros é prática discursiva, enquanto que na de imagens, as técnicas são de outra natureza. A leitura em si, de material impresso, que foi citada anteriormente, requer alguns procedimentos importantes: a) decodificação (decifração de códigos); b) simbolização (capacidade de produzir imagens internas àquilo que não é real); c) relação texto-contexto (a leitura requer ativação dos conhecimentos de que o leitor dispõe). Passando por esses procedimentos temos um processo de leitura, pois não só interpretamos os códigos, mas atribuímos significações que ultrapassam as de superfície; participamos de um ato de criação e produção de sentidos. Observamos, então, a necessidade do material escrito para que todo esse processo ocorra.

Ao discutirmos a leitura, conseqüentemente nos remetemos a outro assunto que também nos importa que é a escrita. As duas não são vistas separadamente, tanto que os primeiros questionamentos relacionados à leitura acontecem com o surgimento da escrita que também passou por processos de mudança. Primeiramente, a oralidade imperava na sociedade. Quando surgiu a escrita, o oral acabou perdendo seu espaço, pois aqueles que defendiam a reprodução do livro afirmavam que a fixação das palavras orais era importante para que essas não se perdessem assim que fossem pronunciadas.

Mais tarde, no século XV, Gutenberg mostrou que a reprodução era possível através da tipografia, a qual foi considerada a invenção do século. O livro, nos séculos seguintes, teve como grande função o entretenimento e o lazer, além do conhecimento. Porém, com o surgimento de novas tecnologias no século XX, o livro, hoje, continua sendo importante, mas vem enfrentando desafios do mundo contemporâneo.

O final do século, presencia, contudo, uma situação paradoxal: diagnósticos pessimistas acompanham a valorização da leitura, proclamando-se o encerramento da era do livro, sua substituição por equipamentos mais desenvolvidos tecnologicamente e a soberania de formas de comunicação eletrônicas, capitaneadas pelo uso do computador e pelo fascínio exercido pela Internet. (1)

Há uma grande discussão envolvendo o fim da leitura de livros. O livro existe desde a Antigüidade e já passou por várias mudanças em seu formato: códex, rolo, papiro, até termos os modelos que hoje nos rodeiam. Entre a sua criação e o século XVIII, o livro foi atração das famílias e dos trabalhadores. As fábricas possuíam rígidos horários de trabalho e os operários tinham como lazer e entretenimento, em seus horários de folga, a leitura de livros. No início do século XX, surge o rádio, uma opção a mais para entreter e informar a sociedade. Em 1950, conhecemos a televisão, que ofereceu oportunidade de entreter, informar e obter cultura, ao mesmo tempo em que se tornou um veículo que unia cada vez mais os habitantes do mundo. Por fim, mais nova que a TV é a Internet, que vem fascinando por sua rapidez e sua agilidade em transmitir aquilo que antes o livro transmitia.

Os novos meios de comunicação chegam até nós com muita força e acabam nos conquistando pois, além de possuírem textos em geral, também apresentam recursos como o da imagem e do som. Assim, percebemos que a concorrência com o livro é verdadeira. (2) afirma que com a revolução da representação eletrônica, pode tornar-se realidade o programa de Kant: cada um pode, como sábio, expressar suas idéias, suas proposições e suas críticas e, como leitor, receber o julgamento sobre as proposições dos outros. O livro permite o manuseio que os eletrônicos não consentem. Podemos ler um livro em qualquer lugar; temos a liberdade de rabiscar, fazer anotações nas páginas, lê-lo numa praça, na biblioteca, ou na cama, antes de dormir. Algumas pessoas têm tanto apego ao livro que inúmeras vezes se deparam com sentimentos especiais a respeito de sua aparência, cheiro, contato, convivência. A era eletrônica não permite que isso aconteça. Mesmo que as palavras-chave da era eletrônica sejam a simultaneidade e a velocidade, o livro continua conquistando as pessoas das mais diversas idades, inclusive os jovens, tão acostumados com as facilidades de sua época.

Muito se fala na diminuição do ato de ler pela população e essa diminuição está ligada ao surgimento do rádio, da TV e da Internet, pois se afirma que esses aparelhos, usando sons e imagens, cativam mais as pessoas do que uma leitura. Mas quando falamos em ler, referimo-nos a qualquer tipo de leitura, desde que se passe pelos procedimentos já comentados anteriormente, ou seja, a leitura de jornais, folhetins, receitas, livros. Observamos que, quando são feitas pesquisas, no Brasil, questionando o hábito de ler, leva-se em conta apenas a leitura de livros, e geralmente de obras literárias, e não se fala em outros materiais que contenham a escrita como formas de leitura. É indiscutível que no século XIX se lia muito mais romances que nos dias de hoje, porém, temos que admitir que, com a modernidade, a vida e os costumes mudaram muito, outras formas de leitura foram sendo criadas, outros interesses foram surgindo, o que não significa que o povo deixou a leitura de lado, simplesmente trocou seu interesse. Periódicos, jornais, revistas e livros técnicos ou de auto-ajuda, por exemplo, estão cada vez mais aumentando suas edições e sua circulação.

Mas como se adquire o hábito de ler? Temos a confirmação de que qualquer hábito só se adquire se praticado. Com a leitura não é diferente. Quando observamos uma família em que os pais lêem, é natural que as crianças também mantenham esse hábito mas, quando a família não possui esse costume por diferentes motivos tais como pouca ou nenhuma formação acadêmica, pouco acesso aos livros e materiais impressos, as crianças terão que buscar esse hábito fora de casa, o que nem sempre é fácil. E é aí que se inicia a tão falada concorrência do livro com a televisão. A maioria das famílias de baixa renda, com poucas condições de adquirir livros, possuem em casa um ou mais televisores e esse aparelho é o que preencherá suas horas de folga.

O livro no Brasil é centro de contraditórias características, pois somos um país com grande quantidade de livros publicados a cada ano, o que não éramos há pouco tempo, mas isso não significa que a leitura de livros aumentou. Sabemos que há condições desiguais de acesso ao livro, as quais são determinadas por razões diferentes (bibliotecas públicas, escolares, custos do livro etc.). O leitor popular é mais freqüentemente leitor de textos curtos. Em consequência, ele tem uma história rudimentar de leitura que limita as condições de percepção do diálogo entre textos e o situa nos interesses superficiais do leitor comum.

A televisão começa a expandir-se a partir dos anos 50 e vai rapidamente conquistando o público e ocupando um lugar importante no lazer das pessoas até que se torna, no final do

século, o meio de transmissão de imagens mais importante em toda a cultura além de dominar as outras formas de transmissão de imagens assim como os outros meios, produzidos em grande escala, como é o caso de jornal, rádio, cinema e até mesmo da literatura. Aqui no Brasil o surgimento da televisão foi de forma precária, provisória, absorvendo profissionais que vieram do rádio, do cinema, do teatro e do jornalismo e que, em estúdios improvisados, tentavam preencher o espaço da programação através de experimentalismo.

Assistir a televisão é um hábito que provém de práticas muito antigas, desde a experiência de olhar objetos, cenas e a natureza, buscando algum tipo de resposta, satisfação, distração e conhecimento. A imagem proporcionada pela televisão é um tipo de porta para a dimensão dos sonhos, das fantasias, dos desejos. Ela possui uma linguagem própria, marcada por alta velocidade, alto ritmo de troca de imagens, o que altera a forma de o homem ver o mundo, pois coleciona muito mais imagens em seu repertório.

O que revoluciona a televisão é o caráter da imagem. Ela altera o que conhecíamos por imagem, desde a época medieval, em que se passou da representação por telas de artistas para a produção da fotografia, depois para o cinema e a televisão tradicional. Diante de outros meios de comunicação, ela absorve vários sentidos como a visão e a audição, que são trabalhados separadamente em rádio, jornal e literatura, mas aqui são explorados de forma plena, mais do que no teatro e no cinema, já que as narrativas destes ficam limitadas a um espaço de tempo determinado, e não a um objeto ou tema.

No século XIX, a leitura teve o papel que a televisão tem para nós hoje. Tudo se concretizou porque muita gente que não lia, que não tinha acesso à leitura, começou a ler: mulheres, crianças, operários. Assim podemos chamar esse século de "Século da Leitura": foi aqui que a taxa de analfabetos diminuiu e que a mulher, que antes não podia ler, garantiu essa capacidade. Porém, no século XX, a leitura passa a competir com o rádio e a televisão e temos a volta da oralidade. Hoje conhecemos as mudanças que a leitura e o livro impresso sofreram e vêm sofrendo.

Graças à imprensa, a industrialização do livro fez com que milhões de pessoas pudessem ter acesso a um mesmo texto. Até sua invenção, poucos chegavam a possuir as raras cópias dos manuscritos. Foi também com o surgimento dos livros impressos que se deu a expansão das bibliotecas e das escolas. O uso de material impresso também permitiu o surgimento da educação à distância, cuja prática institucionalizada começou a se sedimentar em vários países no século passado e, para nós, já é uma realidade.

Não há dúvida que a televisão é o mais importante e eficaz agente de comunicação de massa que a humanidade já conheceu. Ela interfere em todas as nossas atividades e cria um novo ritmo de horário para a vida cotidiana. É comum a cena diária em que a criança volta da escola, entra em casa, não cumprimenta ninguém, deixa a mochila no chão, liga a primeira TV que encontra e ali se instala sem se preocupar com outras tarefas do cotidiano que deveria fazer.

Não é nova a discussão a respeito de como administrar a relação criança-TV. Alguns dizem que ela é má e outros, consideram-na enriquecedora, a depender do conteúdo, mas todos concordam que o consumo de televisão, e da tecnologia audiovisual em geral, torna-se cada vez mais forte. Os jovens têm muito acesso à informação; a televisão, o rádio e a Internet contribuem intensamente para a transmissão dos acontecimentos. No entanto, essa geração acostumou-se a receber tudo pronto e, sem reflexão, fica difícil retransmitir os fatos. Alguns críticos da televisão dizem que ela reforça uma tendência psicótica da sociedade, produzindo um discurso incessante e vazio, cujos estribilhos se repetem alucinadamente, outros indicam que o fato de as pessoas ligarem o televisor e deixarem-no falar só, o tempo todo e terem essa prática como uma espécie de preenchimento de um vazio ambiental e existencial, tem a ver com a perda das relações com o outro.

Um dos pontos controversos da realidade cultural contemporânea - e não apenas no Brasil - é o de termos o livro sendo substituído pela televisão. Neles há um dado curioso: a televisão não tem diminuído o índice de leitura porque, de certa forma, não obstante ocupe um tempo de leitura, a televisão estimula um novo tipo de curiosidade que pode redundar em interesse pelo livro e, às vezes, por meio da teledramaturgia, fomenta obras e autores e os transformam em *best-sellers*.

É preciso, contudo, acentuar que a natureza da cultura advinda da televisão é diferente da proveniente do livro e esse é o principal ponto da questão. A televisão opera uma cultura de fragmento, de mosaico, é de sua natureza a sucessão vertiginosa, a lógica de imagens e o fato de operar na periferia dos sentidos. Ela opera com imagens destinadas a emocionar e tal realidade invade até os telejornais, que se transformam em conteúdos de ficção a partir da realidade formal, porque a natureza íntima de suas transmissões não é o fato, mas a sua dramaticidade e, no caso do telejornalismo, a notícia e o noticiador são as "estrelas" e os "astros" do fato. Esse é um instrumento de um tipo de cultura horizontal do conhecimento e não de sua profundidade, com informação

diversificada que, sem dúvida, é ampla, porém é portadora de um tipo de cultura nova: a cultura do fragmento de informação, a cultura da meia verdade, a realidade da edição.

Portanto, se existem milhões de telespectadores, é evidente que não devemos nos colocar em antagonismo com tal realidade, mas sim, procurarmos uma política de livros e de leitura paralela à expansão da tevê para que o país possa absorver o que é peculiar à cultura do livro, qual seja a natureza vertical do conhecimento, a possibilidade do retorno para nova leitura ou o aprofundamento e a expansão dos elementos racionais. Essa é a observação de (3), para quem a cultura do livro, por ele chamada "Galáxia de Gutenberg", provocou o universo racional da sociedade industrial, da produção em série, dos sistemas de produção. A cultura do livro é necessariamente racional pelo fato de que a palavra, por definição, estimula a racionalidade; já a cultura de mosaico, a da televisão, é estimuladora dos sentidos.

A cultura do livro deve, portanto, correr concomitante e paralela a todas as novas formas eletrônicas, igualmente importantes, e não se pode negar a força dessas tecnologias: a tecnologia do livro, do rádio e da televisão não são antagônicas entre si, são complementares, pois o conjunto dessas tecnologias forma o conjunto da percepção humana. A televisão opera mais sobre os sentidos, o livro opera mais sobre a razão e a sensibilidade profunda (no caso da poesia); o livro pode permitir um aprofundamento; a televisão também ensina, horizontalizando o conhecimento. Outro traço que deve ser considerado é o de que o hábito da leitura instala-se mais facilmente na infância ou na primeira juventude, caso contrário, será mais difícil, nunca impossível, tornar-se um leitor.

Nos países avançados, as salas de aula são equipadas com computadores, Atlas, material ilustrado etc.e, basicamente, todas as escolas têm a sua biblioteca. A certeza de que o hábito da leitura se adquire na infância nos remete ao exemplo dos países desenvolvidos onde se observa que nas salas de aula, por exemplo, não há apenas o clássico quadro negro, mas também o computador, que merece reflexão, porque retoma, pela tela da televisão, o princípio da leitura. Há uma esperança vaga de que o crescimento da atividade de computação faça retornar o hábito da leitura porque ele trabalha com categorias próximas da palavra e com a palavra concretamente. Tudo isso está ligado à indução da leitura e faz parte da pedagogia que cria a familiaridade da criança com a palavra escrita e a faz compreender que ela é o instrumento básico de apropriação do conhecimento.

A infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação mediante a função liberatória da palavra, pois é entre os oito e os treze anos de idade que as crianças revelam maior interesse pela leitura. A professora e autora Maria Helena Martins (2002) chama a atenção para um contato sensorial com o objeto livro que, segundo ela, revela "um prazer singular" na criança já que, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter. A autora comenta que "esse jogo com o universo escondido no livro" pode estimular no pequeno leitor a descoberta e o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo. Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler um texto escrito facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será tanto maior quanto mais freqüente for o contato da criança com o livro.

Às crianças brasileiras, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos. São raras as bibliotecas escolares, as existentes não dispõem de um acervo adequado, e/ou de profissionais aptos para orientar o público infantil no sentido de um contato agradável e propício com os livros. Mais raras ainda são as bibliotecas domésticas. Os pais, quando se interessam em comprar livros, muitas vezes os escolhem pela capa por falta de uma orientação direcionada às preferências das crianças. Então, torna-se de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico.

Podemos tomar as orientações da professora Regina Zilberman (1993), estudiosa de leitura e literatura infanto-juvenil, como forma de motivarmos as crianças e os jovens para a leitura: abordar as relações entre a literatura e o ensino legitimando a função da leitura, sugerindo livros, assim como atividades didáticas, a fim de alcançar o uso da obra literária em sala de aula e em suas casas com objetivos cognitivos, e não apenas pedagógicos; considerar o confronto para as crianças entre a criação e o livro didático, tornando o último passível de uma visão crítica e o primeiro ponto de partida para a consideração dos interesses do leitor e da importância da leitura como desencadeadora de uma postura reflexiva perante a realidade.

Pais habituados a ler jornais e revistas, a freqüentar livrarias ou que têm uma biblioteca em casa, mesmo que pequena, acabam naturalmente motivando o interesse dos filhos pela leitura. Ler é uma capacidade adquirida: as pessoas

nascem com um programa biológico para andar, comer, dormir, que não depende da estimulação ambiental, mas a leitura é uma habilidade que o indivíduo só desenvolve quando está exposto a uma situação pedagógica favorável. Daí a importância do papel dos pais: quanto mais cedo estimularem as crianças, maior será a curiosidade delas em relação aos livros. Essa tarefa não deve ser delegada exclusivamente à escola. Os professores apenas darão continuidade ao processo. O incentivo à leitura é um papel que deve ser desempenhado tanto pelos pais quanto pela escola. Assim teremos uma sociedade que vai ler mais e cidadãos com um potencial bem maior.

Televisão: era da simultaneidade

Com a expansão da televisão, na metade do século XX, iniciam-se algumas discussões de pesquisadores preocupados com a sobrevivência da leitura, pois a população dá menor valor à leitura literária do que o fazia em séculos passados. Deve-se manter a cautela ao fazer referência à subtração da população leitora a partir do século XX porque se observa que a diminuição aconteceu em relação a textos da literatura, pois jornais, revistas, periódicos e outros tipos de leitura continuam sendo realizados pela população.

No último século houve um investimento muito grande no ato de ler, surgiram novos leitores, novos livros, novos escritores, mas a população já não é mais a mesma do passado e, com isso, surgiram algumas dificuldades para que a leitura acontecesse. Dentre essas dificuldades observamos o aumento de carga horária no trabalho, o menor tempo para leitura e o surgimento de novos meios de comunicação, muito mais rápidos que um livro.

Nos anos 20, vive-se a difusão do rádio; nos anos 50, surge a televisão que, na época, nada mais era que o rádio com imagens. Aqui está a grande preocupação de pesquisadores: as tecnologias usadas pela televisão, como som e imagens, são capazes de prender a atenção de um telespectador mais do que um livro. A partir dos anos 60, houve um crescimento vertiginoso das novas tecnologias usando processos cada vez mais sofisticados que mais tarde foram acelerados com a disseminação de computadores pessoais. O mundo começa a viver a sensação de simultaneidade dos eventos e a TV permite isso, pois as mensagens se movimentam e o controle remoto dá autonomia e liberdade ao telespectador: agora ele é o autor do que vê, faz seus recortes e escolhe como prefere ver as cenas. A transformação visual, muito mais rápida, passou a ser cada vez mais privilegiada em detrimento de outras formas de conhecimento e este aparelho tão utilizado ganhou precedência sobre o livro ou o jornal impresso. Então a sociedade deixou de lado a leitura e passou a usar a TV como meio de recreação.

Estudiosos afirmam que nascem, aqui, novos leitores que dispensam a mesa como suporte para os livros e demais recursos clássicos até então utilizados, pois o telespectador, com seu modo diferente de "ler" influi fortemente no papel social do livro e conseqüentemente em qualquer modificação que ele venha a sofrer. Porém, observa-se uma enorme diferença entre uma leitura e um programa de televisão.

Quando uma pessoa lê, é obrigada a prestar atenção senão perde "o fio da meada", já na TV tudo é muito rápido e se torna impossível acompanhar as imagens conscientemente, pensar no que elas significam, associar idéias ou lembranças a elas. Para desenvolver nosso pensamento teremos que ler, para abafá-lo cada vez mais, assistamos TV. Bruno Betelheim (1963 apud SETZER p.48) afirma que "a TV aprisiona a fantasia, não a liberta. Um bombardeio incentiva o pensamento e liberta-o simultaneamente". Isso é o que constatamos a partir dos programas transmitidos por este aparelho tão utilizado pela maioria da população mundial. Muitas vezes, estamos olhando um programa transmitido pela televisão, porém não estamos prestando atenção nele, nosso pensamento está voltado para outras atividades: um exemplo disso é que em momentos diversos assistimos a um programa qualquer e, ao final deste, não o recordamos ou encontramos dificuldade para narrar todos os acontecimentos apresentados por ele. A televisão aprisiona o indivíduo tornando-o um ser inerte, sem capacidade própria e imaginativa. Assim, a TV não tem quase efeito informativo e muito menos educativo. Sabe-se que a leitura é um ato importantíssimo e que não há escolarização sem leitura. Então a escola também sofre modificações com a introdução da televisão e os professores devem rever suas práticas e refletir sobre o futuro da educação se esperam que seus alunos sejam pessoas leitoras mais tarde fora do ambiente escolar.

Em relação à educação, já vimos que a televisão transpõe as salas de aula sem pedir permissão e acaba, quase que em sua totalidade, sendo mais atraente que as aulas ministradas por um professor. Aqui o professor deve repensar suas aulas, pois a TV pode e deve ser sua aliada, nunca sua concorrente. Um equívoco cometido pelos professores é o de julgar que a leitura, como conceito, deve ser trabalhada apenas nos primeiros anos escolares e, dali em diante, quem gostar de ler continuará; quem não gostar, nunca será um leitor. A leitura acontece a cada instante, a cada momento e nunca é tarde para se formar um leitor, pois se ler implica raciocínio sobre uma mensagem escrita, então todos, em qualquer época da vida, estamos aptos a ler.

Se observarmos, por exemplo, uma criança que ainda não aprendeu a ler nos daremos conta de que ela "lê" (aqui o verbo ler é usado como interpretação somente e não inclui

decifração) o mundo que a rodeia muito antes de aprender a escrever: isso pode ser percebido quando entregamos a ela um livro de histórias com gravuras. Ela contará uma história via imagens mesmo sem saber o que está escrito ali, pois a atividade de leitura caminha à frente da escrita. Ao aprender a ler, a criança começa a descobrir novas maneiras de se comunicar e essa busca do novo, do diferente, do desconhecido se torna interessante e faz com que ela busque a leitura. Porém, após a quarta série do ensino fundamental, quando as descobertas passam a ser também gramaticais ou sintáticas e as repetições se iniciam, percebe-se que o interesse pela leitura diminui e outros vão surgindo.

Um dos grandes problemas da leitura é a compreensão, a relação entre interpretação e decodificação. Quando lemos estabelecemos um processo de suposições sobre aquilo que vem a seguir conforme nossa vivência de mundo e nosso conhecimento prévio. Ao se deparar com dificuldades e não obtendo ajuda de alguém para a auxiliar, a leitura da criança passa a ser algo massacrante e, conseqüentemente, todo o gosto por ler vai se transformando em apego a coisas mais fáceis e rápidas, por exemplo, a televisão.

Em certos casos, o professor se torna um dos responsáveis pelo desinteresse da criança pelo ato de ler. Tornar a leitura de uma obra literária uma obrigação, quando a vivência do leitor escolar não é aquela, quando o cotidiano dele é diferente daquele apresentado no livro, quando ele não consegue fazer ligação alguma com a narrativa e sua realidade ou mesmo quando ele não está preparado para interpretar aquela mensagem, é transformar a leitura em algo sem sentido, por conseqüência, a experiência com livros daquele possível leitor começa a fracassar. Mas falemos de leitura no geral e não apenas leituras literárias. É mais proveitoso para o professor e para o aluno que a leitura se inicie por algo que faça parte do cotidiano e dos costumes do leitor em formação. O fracasso em relação à construção de leitores só acontece se a leitura não for estimulada de forma correta. O professor deve estar atento à vida que este aluno leva, à comunidade em que está inserido, às suas vontades e dificuldades, assim será fácil transformá-lo em um leitor.

Temos consciência de que a televisão é transmissora de programas que para a maioria da população são mais rápidos, fáceis e interessantes do que uma leitura, o desafio do educador não é banir a televisão e sim trazê-la para junto de si, não para que ela sirva de substituta da leitura, pois assim de nada adiantaria nossos esforços em apresentá-la de forma interessante para o aluno, mas para ter a televisão caminhando lado a lado com a escola. Para isso não é necessário que esta tenha que perder suas características em detrimento daquela já que, com o tempo, a leitura e a

televisão são capazes de se complementarem. Todavia, a leitura não perderá seu lugar privilegiado.

Na leitura é preciso produzir uma intensa atividade interior, num romance imaginar paisagens e personagens; num texto filosófico ou científico, associar constantemente os conceitos descritos. A TV, pelo contrário, não exige nenhuma atividade mental: as imagens chegam prontas, não há nada para associar.

Não há possibilidade de pensar sobre o que está sendo transmitido, porque a velocidade das mudanças de imagens, de som e de assunto impede que o telespectador se concentre e acompanhe a transmissão conscientemente. (4).

Um texto contém indeterminações, orientações, códigos, estratégias e comentários e o leitor participa da construção do texto no momento em que traz para dentro de si seus próprios códigos. Então o texto sempre vai depender da disponibilidade do leitor de reunir aspectos numa totalidade que lhe é oferecida criando uma seqüência de imagens e acontecimentos que desemboca na constituição de significados da obra os quais são formados no imaginário. Temos que ter em mente que a leitura deve desenvolver a capacidade de pensar, criar, imaginar mentalmente e a TV faz exatamente o contrário: o telespectador perde a habilidade de pensar, ganha tudo processado, basta ingerir.

A TV não tem nada de efeito educativo, pois educação é um processo de caráter contextual, enquanto que na TV tudo é muito rápido por causa das características do próprio aparelho. O profissional da mídia também é um educador ao influenciar a opinião pública. Sabemos que a mídia sempre teve muita influência sobre o modo de pensar do público e, com o surgimento do rádio e da TV, o seu poder cresce enormemente. Exemplos não nos faltam sobre esse poder. Tudo o que recebemos é informação e mais informação, de modo que precisamos aprender a canalizá-las para não deixar que elas nos dominem e aqui encontramos o problema: a maneira certa de interpretarmos essas informações não admitindo que elas nos manipulem. A televisão é um poderoso instrumento de divulgação e integração de informações e conhecimento. Então poderíamos utilizar a escola para ensinar a ler as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa, compreender sua linguagem, ultrapassando a ingenuidade que sustenta a ilusão de transparência entre o real e a imagem.

A escola e biblioteca devem estar articuladas para que isso resulte em novos leitores e, nessa campanha, a família pode ser envolvida, pois sabemos que a leitura também vem de influências da própria família que pode sensibilizar a criança sobre a importância do livro. Não sejamos utópicos pensando que daqui a poucos anos teremos, nas prateleiras das casas,

muitos livros, mas podemos ser ambiciosos a ponto de pensar que a partir de campanhas feitas pelos governantes envolvendo pais, escolas e comunidade, sobre o papel da leitura na formação das crianças e na vida social dos adultos, poderemos ter muito mais leitores do que temos hoje. Sabemos que é através do gosto pela leitura que se adquirem competências que farão de crianças e jovens cidadãos socialmente mais integrados e culturalmente mais ricos.

Muitas vezes observa-se que as bibliotecas escolares estão em locais pouco privilegiados numa instituição. Em alguns casos, as escolas possuem a chamada "biblioteca móvel" que consiste em algumas caixas para depositar os livros e que passam pelas salas de aula conforme o pedido dos professores. A biblioteca é um local de extrema importância em uma escola, assim, deveria ser observada com mais cuidado. A utilização da biblioteca facilita a procura de leituras por parte dos alunos; ensinar a utilizar este ambiente significa a abertura de caminhos para o acesso ao conhecimento e à leitura literária. Infelizmente, temos a leitura escolar sendo guiada e programada, o que se opõe à idéia da busca do conhecimento, da vontade de descobrir coisas novas.

A sociedade precisa das informações da TV para sentir que faz parte do mundo mesmo que estas não façam a mínima diferença em suas vidas, da mesma forma que esse contato com o semelhante é necessário, pois assim tem-se a sensação de que se conhece o mundo mesmo sem se sair de casa. Inúmeras vezes as pessoas querem fugir de seus problemas cotidianos e a ficção da TV aparece como um escape, pois elas eliminam a distância entre a fantasia e a realidade e, com o verdadeiro próximo do ilusório, cria-se a manipulação do imaginário com a completa entrega a ele. A mídia aplica estratégias de emoção, ao invés de razão, a TV alimenta-se completamente da energia colocada em movimento pelo indivíduo para sustentar sua fantasia. Com isso ela usa o narcisismo de cada um para vender e convencer e essa cultura fecha o indivíduo em seu pequeno mundo, cheio de medidas de segurança contra o meio ameaçador e cheio de estímulos ao "eu" contado como a coisa mais importante do mundo pela indústria do consumo. Pensando assim não há espaços para dramas humanos, tudo tende a se resolver pela imagem.

Se compararmos o tratamento que a mídia dá à realidade, incutindo no indivíduo a idéia de que sua vida está transparecendo nas telas da televisão, esta pode ganhar espaço em detrimento da leitura de livros impostos pelos professores quando não condizem com a realidade vivida pelo leitor.

O pós-modernismo causou uma fragmentação: como nosso cotidiano é muito corrido e, na maioria das vezes, não temos muito tempo disponível para outras tarefas que não as profissionais,

apenas as pessoas que já estão bem engajadas na leitura é que se dispõem a ler um livro "grande" quando se tem tudo fragmentado na TV. Estamos perdendo a noção de profundidade das coisas, tudo está se tornando superficial; não nos indagamos mais, pois a TV o faz, nossos dramas são resolvidos pela telenovela. Na sociedade do espetáculo, o livro deixou de ser fonte do saber; reduziu-se à ligeireza de uma notícia, no máximo poderá desfrutar de um momento com a velocidade de uma estrela cadente.

Com um livro ou jornal impresso temos a liberdade de interromper a leitura quando necessário, refazê-la, submeter o texto a reflexões demoradas. A TV não nos permite isso, pois a energia das imagens requer respostas imediatas: reações rápidas de quem a ela está submetido. Essa medida é muito eficaz em se tratando de ocultar as estruturas textuais ou as concepções segundo as quais aquelas imagens estão sendo apresentadas.

A TV pode ser empregada como meio de condicionamento, mas não de educação. A sociedade está sendo dirigida para impor cada vez mais técnicas à educação o que equivale a dizer que está na hora de levantarmos o papel social da leitura nas escolas.

A longa história da leitura e da cultura escrita mostra que as revoluções nas práticas são muito mais lentas que as tecnológicas, e é suficiente lembrar que novas formas de ler não sucederam imediatamente, nem foram simultâneas à invenção da imprensa. (5)

A mídia é muito mais rápida e ágil em relação à leitura da literatura cuja duração é maior. A linguagem literária necessita de pausas, enquanto a linguagem midiática vive do bombardeio ininterrupto de mensagens sobre o consumidor aturdido.

O dito "o povo não lê" é equivocado, pois percebemos que o povo não lê o que a elite lê, mas há um interesse popular por outros tipos de leitura: a leitura não pode ser tratada apenas como um luxo das elites. O problema é que vivemos num país onde a maioria da população sofre com as condições de miséria em que vive, com a pobreza absoluta e, para esses, a TV basta como meio de recreação. Há uma imensa necessidade de melhorar a educação se se pretende dar um salto para além da tecnologia promovendo leitura e escrita.

Os meios eletrônicos existentes, hoje em excesso, são capazes apenas de oferecer uma sobrecarga de dados inerentes que têm sentido apenas porque são apresentados de forma espetacular como na TV e na Internet. A leitura consegue ir mais a fundo, ela faz com que o leitor interiorize significados. Existe, para Birkets:

um tempo livresco, humano e profundo de meditação e reflexão que nos permite sair do presente cronológico e experimentar um tempo paradoxalmente fora do tempo, radicalmente diverso daquele tempo de eterno presente e simultaneidade total de coisas e eventos que experimentamos diante da tela do computador.(6)

Encontraremos teses, programas governamentais de promoção da leitura, ações beneficentes e até campanhas envolvendo a mídia, como é o caso da que coloca desportistas falando sobre a importância da leitura em sua vida, todos envolvidos num mesmo problema: fazer quem não lê gostar de leitura. Tal afirmação nos transmite a sensação de que essa expressão marca a falta de cultura do povo, o mito de um país sem valores, sem ideais, alimentando-se a inverdade da não-leitura. Essas campanhas já vêm se estendendo há muitas décadas, então é preciso rever o discurso do que seja ler e de quem seja leitor. É necessário pensar estratégias e investir na melhora da qualidade da educação sendo possível mapear as dificuldades e oferecer soluções concretas para esse assunto. Governo, ministérios, escolas e a sociedade em geral já reconhecem a importância da leitura para o desenvolvimento sobretudo cultural do país. Então devemos tentar resgatar esses (novos) leitores literários num processo constante, que mobilize desde as famílias até os meios de comunicação.

Apesar de toda a era tecnológica estar adentrando em nosso cotidiano com tanta voracidade, o que é algo inevitável, fazendo um papel que antes era destinado tão-somente ao livro, a leitura não desaparecerá. Pelo contrário, em muitos casos, essas tecnologias poderão ajudar no surgimento de novos leitores. Independentemente de renda, idade e outros fatores, é importante ressaltar que a população continua lendo, porém, hoje, a leitura não é mais o único meio de distração que o povo tem.

Apresentando-nos programas que são capazes de fazer o povo se identificar com eles, a TV adentra a casa da maioria dos brasileiros como se fizesse parte da família e, por seu baixo custo, a televisão é mais lucrativa que um livro, pois ela não custa tanto e todos podem usufruir de seus programas ao mesmo tempo. Diferente da televisão, o livro é uma atividade solitária que trabalha com a imaginação. Muitos especialistas em educação admitem que a televisão é um atrativo, mas isso não significa que ela venha roubar o lugar do livro. Os leitores sabem fazer a distinção entre programas televisivos e leitura. Eles têm a noção de que a TV entretém e o livro ensina. A televisão pode servir de instrumento para ampliar a leitura feita pelas pessoas, e temos vários exemplos de campanhas veiculadas nos meios de comunicação. O que temos carência é de campanhas sérias que incentivem a população a ler. Poderíamos criar mais bibliotecas públicas e organizar campanhas governamentais que levem o livro até alunos e

pessoas da comunidade escolar. Mas essas campanhas devem partir do interesse da comunidade, senão, é claro, fracassarão. Leitura, no geral, o brasileiro pratica e já vimos isso anteriormente. Então o que está faltando? Se especialistas não cansam de criticar a pouca leitura "de livros literários" pelos brasileiros, então está na hora de essas campanhas serem direcionadas para esse ponto, mas não é "impondo" livros aos leitores que iremos obter sucesso.

Abstract

This essay seeks to question the truthfulness of the assertion that television has a detrimental effect on the number of books people read. It has often been claimed that Brazilians do not read enough. However, we should not think of reading only in terms of literary books because this is not the only form of media that can be decoded and interpreted by an individual. Television in many cases is regarded as the villain, but this is untrue, it simply does not have the power that is attributed to it. Whilst reading exercises our imagination, television informs us. In this way they possess two very different characteristics that should both work in parallel and complement each other.

Key-words: reading, books, television.

Notas

- (1) ZILBERMAN, 2001, p. 16.
- (2) CHARTIER, 2001, p. 72.
- (3) MACHULAN, 1999.
- (4) SETZER, 2001, p. 19.
- (5) BEIGUELMAN, 2003, p. 17.
- (6) Apud BELLEI, 2002, p. 21.

Bibliografia

- ARBEX José; TOGNOLI, Cláudio J. *O mundo pós-moderno*. São Paulo: Scipione (ponto de apoio), 1996.
- BATISTA, Augusto G; GALVÃO, Ana M. O. (Org.). *Leitura: práticas, impressos, letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 168p.
- BEIGUELMAN, Gisele. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003. 95p.
- BUENO, Francisco da S. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Ed. revisada e atualizada. São Paulo: FTD, 1996.

CHARTIER, Roger. *O desafio da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 144p.

Chartier ,Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. 189p.

FISCHER, Rosa M. B. *Televisão e educação - fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 158p.

LEITURA: *TEORIA E PRÁTICA*. Revista semestral da Associação de Cultura do Brasil: Mercado Aberto. Ano 21, n. 40, março 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação à distância. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*: Rio de Janeiro. UFRJ, 1998.

REVISTA ESPAÇO PEDAGÓGICO. Passo Fundo: UPF. UPF Editora. Vol. 7, n. 2, dez. 2000.

LETRAS. Santa Maria: UFSM. Centro de Artes e Letras. N. 13, julho/dezembro 1993.

NEXOS - Estudos em comunicação e educação. Ed. Anhembi Morumbi. Ano IV, n. 6, 1º semestre/2000.

SETZER, Valdemar W. *Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa*. São Paulo: Escrituras editora (coleção ensaios transversais), 2001. 288p.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas Sul LTDA, 1999. 168p.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Ed. SENAC - SP, 2001. 131p.